

FUNDAMENTOS E OBJETIVOS DA EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA: CONTRIBUIÇÕES DO CONCEITO DE ALFABETIZAÇÃO CIENTÍFICA

Adriana Mohr

CED e PPGECT, Universidade Federal de Santa Catarina
amohr@matrix.com.br

Tiago Venturi

CEAVI, Universidade do Estado de Santa Catarina e PPGECT, Universidade Federal de Santa Catarina
tvtiago@hotmail.com

RESUMO: A Educação em Saúde, por seus conteúdos e práticas, é um componente curricular fortemente identificado com o ensino de Ciências e de Biologia. Apesar de desenvolver-se em espaço e tempo escolares, os pressupostos, objetivos e metodologias com os quais esta atividade vem sendo desenvolvida não são compatíveis com os objetivos escolares contemporâneos. Ao contrário destes objetivos que defendem o desenvolvimento da capacidade cognitiva, da reflexão e da crítica, a Educação em Saúde é executada como mero repasse de informações e estratégias de modelagem e mudança de comportamentos. O texto aborda a origem desta situação e argumenta, que conceitos da Didática das Ciências, em especial o de alfabetização científica, podem contribuir para a urgente reflexão sobre o tema e para a fundação e o desenvolvimento de uma identidade pedagógica para a Educação em Saúde na escola.

PALAVRAS-CHAVE: Educação em Saúde, Ensino em Ciências, alfabetização científica, currículo.

APRESENTAÇÃO E OBJETIVOS

Atividades de Educação em Saúde (ES) são componentes frequentes do currículo escolar das escolas brasileiras. São desenvolvidas tanto de forma planejada pelos professores quanto como atividades avulsas e esporádicas que chegam à escola proposta por outros profissionais e órgãos externos ao sistema escolar (por exemplo, bombeiros, médicos ou enfermeiros visitando a escola para realizar palestras e demonstrações aos alunos). A ES pode ser abordada por vários professores (uma vez que as orientações curriculares nacionais indicam esta atividade como tema transversal), mas geralmente é tratada com destaque pelo professor de Ciências ou de Biologia.

Definimos ES na escola como “*atividades realizadas como parte do currículo escolar, que tenham uma intenção pedagógica definida, relacionada ao ensino-aprendizagem de algum assunto ou tema relacionado com a saúde individual ou coletiva*” (Mohr, 2002, p. 41).

Estudos como os de Mohr (1999 e 2002), Jucá (2008), Wendhausen e Saupe (2003) e Silva et al. (2010) mostram que nas últimas décadas a compreensão da saúde tem mudado de uma perspectiva

exclusivamente individual, para tornar-se um processo mais amplo, dinâmico e com cunho socioeconômico, cultural e ambiental. No entanto, as atividades de ES na escola continuaram a ser tributárias de enfoques ultrapassados e inadequados, com ênfase em objetivos comportamentalistas e sanitaristas, inadequadas em uma situação de educação escolar. Ou seja, pressupõe-se que a finalidade da ES na escola é mitigar a falta de informação sobre um problema de saúde e modelar comportamentos para que os estudantes desenvolvam e assumam comportamentos considerados saudáveis. (Mohr, 2002)

Tendo em vista que os objetivos contemporâneos para a escola valorizam e preconizam a capacidade de reflexão e crítica, é necessário então questionar se o formato e fundamentos da ES desenvolvida na escola são adequados e se colaboram para os objetivos escolares. Os objetivos deste estudo são:

- a) analisar os objetivos da ES desenvolvida na escola;
- b) propor novo enfoque e objetivos para esta atividade a partir do conceito de Alfabetização Científica.

Argumentamos que a ES realizada na escola carece de identidade verdadeiramente pedagógica e adequada ao ambiente escolar. Faltam-lhe discussões de caráter epistemológico e axiológico que questionem radicalmente sua natureza, fundamentos, objetivos, conteúdos e métodos. Neste sentido, examinar esta questão à luz de idéias e conceitos oriundos da pesquisa em Didática das Ciências parece-nos um percurso promissor.

METODOLOGIA

Para realizar esta investigação, que se caracteriza como ensaio teórico, utilizou-se uma revisão bibliográfica sistematizada (Venturi e Mohr, 2011) e estudos sobre o tema da ES e da alfabetização científica.

A revisão foi realizada nas Atas do Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências, evento brasileiro que já possui oito edições desde 1997.

Além disto, analisamos as contribuições teóricas de Gérard Fourez e sua equipe sobre os temas da alfabetização científica e finalidades para o ensino de ciências (Fourez et al, 1994).

MARCO TEÓRICO

Objetivos da Educação em Saúde na escola

As atividades de ES na escola vêm dando ênfase ora a uma apresentação simplista de conteúdos, ora a abordagens embasadas em técnicas de convencimento e persuasão, características do *marketing*. Pressupõe-se, assim, que o processo educacional resume-se à veiculação de informações e desconsideram-se totalmente os fatores cognitivos envolvidos nos comportamentos relativos à saúde (Mohr, 1999 e 2002).

De forma muito resumida, podemos dizer que tal panorama decorre de dois fatores interligados. Por um lado, verificamos que as atividades de ES originaram-se no campo da saúde (individual e coletiva) e vem sendo transpostas e reproduzidas pela escola com muito pouca modificação. Por outro lado, são raros os estudos e propostas que repensem os objetivos, papel e fundamentos da ES quando realizada em ambiente escolar: há carência de reflexões de natureza pedagógica para pensar, analisar e propor atividades de ES na escola. Na falta de tal reflexão, a ES é planejada e executada com os fundamentos, objetivos e práticas que a área de saúde lhe atribuiu, qual seja a de auxiliar na redução dos níveis de morbidade de agravos. Questionamentos como ‘o que é ES na escola?’, ‘qual seu papel na formação do aluno/cidadão?’ e ‘quais os objetivos para tal atividade na escola?’ estão ausentes do debate.

Ao contrário, são numerosos os trabalhos que se fundamentam no pressuposto de que os resultados da ES devem ser mudanças de comportamentos de acordo com um padrão pré-estabelecido a priori por quem ministra a ES. Contrário a esta orientação, Rumelhard (2006) argumenta que “A epidemia atual de obesidade induz um trabalho de prevenção e de normatização do peso dos adolescentes, futuros adultos obesos. Este conceito de normatização, que está no âmago do ensino e da educação em saúde, tem um sentido positivo quando trata de objetos materiais e da produção industrial, mas possui um sentido ambíguo ou francamente negativo quando se refere ao corpo dos indivíduos e, sobretudo ao seu espírito, sua maneira de pensar e sua maneira de ensinar e de aprender.” (p. 21). É notável como nesta área curricular naturaliza-se uma abordagem tão acrítica, enquanto que em todos os outros aspectos do currículo escolar a reflexão, crítica, competência intelectual e autonomia são pressupostos completamente estabelecidos e quase inquestionáveis nos dias de hoje.

A utilização de conceitos da área da Educação em Ciências pode contribuir para o necessário debate sobre a ES na escola (Mohr, 1999). No presente texto destacamos aquele de Alfabetização Científica e Técnica.

Alfabetização Científica e Técnica

Fourez e colaboradores (1994) propõem que a Alfabetização Científica e Técnica (ACT) seja desenvolvida a partir de três marcos interligados entre si: autonomia, comunicação e habilidade. Aproximando-os da ES, temos que a autonomia frente ao conhecimento permite ao indivíduo liberar-se de receitas prontas, regras, ordens e das prescrições ditadas por outrem sobre o que é adequado ou saudável para manter ou recuperar a saúde. A perspectiva da comunicação na ACT permite negociação com o conhecimento e a construção de modelos de ação. Aqui, teoria e conceitos são vistos como mediação compartilhada na comunicação humana. Esta perspectiva é diametralmente oposta àquela da receita ou da regra de pensamento e comportamento que não oportunizam o diálogo. Por fim, a **habilidade** permite o saber fazer e o poder fazer que, na prática, materializam-se em um poder de ação definido por cada um e não por um pretense especialista que sabe, a priori, o que é bom, adequado e saudável para todos. Assim, alguém alfabetizado técnica e cientificamente não receberá passivamente as normas prontas, mas terá capacidade de negociar com elas. Os conhecimentos científicos e técnicos são parte do suporte para um debate ético e político sobre as ações do indivíduo.

Contrastando com esta proposta teórica, os professores de Ciências priorizam atividades de aconselhamento e orientação de caráter prescritivo e comportamentalista, baseadas apenas em suas experiências de vida (Mohr, 2009). Tal situação é tributária da formação inicial dos professores, conforme veremos adiante. Os professores tampouco dispõem de literatura que os auxiliem e os programas de formação continuada não abordam o tema a partir de novas perspectivas.

Constatamos que estudos abordando a ES nos periódicos da área do Ensino de Ciências ainda são raros. No entanto, observamos um crescimento quantitativo de textos nos Encontros Nacionais de Pesquisa em Ensino de Ciências (Venturi e Mohr, 2011). Seus conteúdos, porém, centram-se fortemente em estratégias para a promoção de saúde, e a mudança de comportamentos e atitudes dos alunos são o principal objetivo vislumbrado para as atividades de ES. Conforme argumentamos no início deste texto, esta forma de encarar a ES decorre da forte ligação de origem com o setor e os profissionais de saúde e como a ES é ainda tratada em documentos recentes (os Parâmetros Curriculares Nacionais brasileiros, por exemplo).

Educação em Saúde na escola e formação de professores

Trabalhos anteriores abordaram o problema da preparação dos professores para o trabalho com a ES na escola (Mohr e Schall, 1992, Mohr, 2002 e 2009). Na formação inicial do professor de Ciências e Biologia no Brasil, constatamos ausência de conhecimentos que ultrapassem os aspectos morfo-fisiológicos envolvidos no processo saúde-doença, bem como aqueles conceitos relativos à área da Didática das Ciências. A falta ou a ineficácia de formação continuada faz com que o professor considere-se incapaz de desenvolver atividades de ES. Este fato, aliado às incompreensões e confusões sobre o papel da escola nas atividades de ES escolar, motivam ações dos profissionais de saúde que adentram a escola por iniciativa própria de sua área ou convidados pelos professores.

Algumas perspectivas inovadoras para a ES na escola vêm pouco a pouco surgindo neste cenário. Para Bagnato (1990), as ações de ES só tem validade se desenvolvidas de forma integrada com o cotidiano dos indivíduos. Mohr e Schall (1992) discutem a relação existente entre a ES e a educação ambiental e alguns pressupostos para o seu desenvolvimento na escola. Na perspectiva de Mohr (2002) a ES desenvolvida na escola deve ser uma atividade capaz de ajudar os sujeitos a querer, poder, e saber escolher, de maneira responsável, livre e esclarecida, atitudes e comportamentos relativos a sua saúde e àquela do grupo. Schall (2005) defende que a ES contribua para a promoção de saúde, construção da cidadania e comprometimento com a transformação social dos alunos.

CONCLUSÕES: PERSPECTIVAS PARA A EDUCAÇÃO EM SAÚDE NA ESCOLA

As relações entre objetivos da ES e aqueles da escola precisam ser objeto de discussão urgente por parte de professores e pesquisadores. Sustentamos que a reflexão sobre a ES na escola baseada nos princípios da alfabetização científica traz perspectivas interessantes e necessárias.

Assim, propomos que a ES desenvolvida na escola (seja por professores, seja por outros profissionais que aí colaborem) fundamente-se e tenha necessariamente uma identidade pedagógica, ou seja, que propicie que o aluno desenvolva conhecimentos e capacidade de autonomia e de reflexão.

A utilização do conceito de alfabetização científica como fundamento de desenvolvimento da ES parece-nos promissora neste sentido. Nesta abordagem, mais que conteúdos a serem aprendidos (comportamentos de higiene e prevenção de agravos, por exemplo), a ES passa a ser objetivo da escolarização para o qual as diversas disciplinas escolares colaboram.

Julgamos que é urgente e importante construir a identidade pedagógica da ES, pois “A ES escolar deve distinguir-se daquela realizada pelas campanhas ou por outros profissionais cujo objetivo final e principal é conseguir modificar um comportamento, reduzindo a frequência de atitudes consideradas de risco e estimulando aquelas consideradas saudáveis. Do contrário, esta atividade pode conspurcar a função primeira e principal da instituição escolar que é o desenvolvimento de capacidades cognitivas, do senso crítico e da autonomia do indivíduo, através de conhecimentos, natureza e filosofia das artes, letras e ciências: patrimônio acumulado que caracteriza a humanidade como tal. (...) A ES deve ser encarada pela escola como objetivo geral de desenvolvimento e capacitação humana. Ela não deve ser considerada uma atividade-meio através da qual, em curto prazo, se atingirão determinadas atitudes, hábitos e comportamentos. (...) A ES na escola deve ser considerada, na realidade, um objetivo ao qual se chega de forma indireta.” (Mohr, 2002, pp. 241 e 242)

O desafio aqui proposto pode ser considerado arrojado, mas a discussão é urgente e importante.

REFERÊNCIAS

- Bagnato, M.H.S. (1990). O ensino da saúde nas escolas de 1º grau. *Proposições*, 1, pp. 53-59.
- Fourez, G.; Englebert-Lecompte, V.; Grootaers, D.; Mathy, P.; Tilman, F. (1994). *Alphabétisation scientifique et technique*. Bruxelles: De Boeck.
- Jucá, R.N. (2008). *Educação e Saúde: contextos e concepções*. Dissertação de Mestrado. Salvador: UFBA (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências).
- Mohr, A.; Schall, V.T. (1992). Rumos da Educação em Saúde no Brasil e sua relação com a Educação Ambiental. *Cadernos de Saúde Pública*, 8(2), pp.199-203.
- Mohr, A. (1999). Contribuições da Didática das Ciências para a Educação em Saúde. Atas do *II Encontro Nacional de Pesquisa em Educação em Ciências*. Disponível em < <http://www.nutes.ufrj.br/abrapec/iienpec/Dados/trabalhos/P01.pdf>>
- Mohr, A. (2002). *A natureza da educação em saúde no ensino fundamental e os professores de ciências*. Tese de Doutorado. Florianópolis: UFSC (Programa de Pós-graduação em Educação). Disponível em <<http://www.casulo.ufsc.br/admin/arquivos/200411-tese%20doutorado%20A%20MOHR.pdf>>
- Mohr, A. (2009). Educação em saúde na escola: panorama e questionamentos a partir de depoimentos de professores de Ciências em Florianópolis. In: Selles, S. E. et al. (org). *Ensino de biologia: histórias, saberes e práticas formativas*. Uberlândia: EDUFU.
- Rumelhard, G. (2006). Corps normalisé/corps individualisé. *Aster*, 42, pp. 21-36.
- Schall, V.T. (2005). Educação em saúde no contexto brasileiro: influência sócio-históricas e tendências atuais. *Educação em Foco*, 1(1), pp. 41-58.
- Silva, C.M.C.; Meneghim, M.C.; Pereira, A.C.; Mialhe, F.L. (2010). Educação em Saúde: uma reflexão histórica de suas práticas. *Ciências & Saúde Coletiva*, 15(5), pp. 2539-2550.
- Venturi, T.; Mohr, A. (2011). Análise da Educação em Saúde em publicações da área da Educação em Ciências. Atas do *VIII Encontro de Pesquisa em Educação e I Congresso Iberoamericano de Investigação e Ensino de Ciências*. Disponível em < <http://www.adaltech.com.br/testes/abrapec/resumos/R0617-1.pdf>>
- Wendhausen, A.; Saupe, R. (2003). Concepções de educação em saúde e a estratégia de saúde da família. *Texto e Contexto Enfermagem*, 12 (1), pp. 17-25.